

Roubini, o Doutor Destino, agora a caminho de Cannes

Gillian Tett

O economista que previu o estouro da bolha imobiliária aproveita o status de celebridade

Ainda não são 8h mas o badalado Soho Grand Hotel do bairro de Tribeca, em Nova York, já parece um set de filmagem. O amplo hall é dominado por pilares de concreto, esculturas de metal e espaçosos sofás de couro, sobre os quais se esparramam pessoas bonitas e elegantes.

Parece um lugar estranho para um encontro com um economista acadêmico para um café da manhã. Mas Nouriel Roubini não é um intelectual típico. Embora seja verdade que até o começo da crise financeira mundial, três anos atrás, ele passou a maior parte de sua carreira fazendo análises econômicas e escrevendo livros como títulos como "Political Cycles and the Macroeconomy" (1997) ou "New International Financial Architecture" (coeditor, 2005). Ele também foi responsável por uma série de declarações tão sombrias sobre a fragilidade do setor bancário que elas lhe renderam o apelido de "Doctor Doom" (Doutor Destino).

Mas em 2007, tudo isso mudou repentinamente. A crise financeira explodiu e quase da noite para o dia parecia que o mundo percebera que Roubini havia sido um dos poucos economistas que previram a aproximação do colapso bancário. Hoje, planejadores econômicos de todas as partes do mundo dependem de suas palavras, jornalistas se amontoam para ouvir suas mais novas previsões e clientes pagam muito dinheiro para receber análises de sua consultoria, a Roubini Global Economics.

Sua influência vai além do mundo dos negócios e chega até mesmo em Hollywood: ele faz uma breve aparição, como ele mesmo, em "Wall Street: Money Never Sleeps", a sequência do diretor Oliver Stone do filme que ele dirigiu em 1980, sobre as tramoias feitas no mercado financeiro, e também em "Inside Job", um documentário narrado pelo ator Matt Damon, que será lançado em breve. Ele é até mesmo um tipo de "pin-up" intelectual: sua página no Facebook é adornada com numerosas fotografias de Roubini participando de festas cheia de celebridades, normalmente acompanhado de mulheres lindas. ("Elas adoram meu cérebro maravilhoso (...) Sou feio, mas elas são atraídas pelo cérebro", disse ele a uma coluna de fofocas no ano passado.)

Poucos minutos antes das 8h, o nerd de 51 anos que virou queridinho se materializa no lobby do hotel, vestindo jeans preto e uma camisa amarelo-claro com o colarinho desabotoado. Ele combina perfeitamente com a decoração do hotel. A única nota dissonante fica por conta de seus sapatos de couro marrons, que estão incrível e desafiadoramente surrados. Será que ele é cerebral demais para se preocupar com trivialidades como engraxar os sapatos? Ou simplesmente autoconfiante demais para se importar com isso? De qualquer modo, isso dá ao famoso economista uma aparência pretensamente artística.

Ele se senta, meio desajeitado, em um grande sofá e explica que o badalado hotel é como se fosse sua casa. "Moro a apenas cinco minutos daqui", diz ele, me olhando com cautela com seus olhos castanho escuros que se parecem com os de um spaniel. Um cardápio do café aparece, oferecendo pratos minimalistas e elegantes. Escolho um omelete, café expresso e um power shake; Roubini pede granola, suco, iogurte e latte macchiato, embora não pareça nada interessado na comida.

"E então, como é ser uma celebridade?", pergunto eu, imaginando se ele vai dar uma resposta presunçosa. Ele faz uma careta. "Celebridade é apenas barulho", resmunga. "As pessoas ficam falando como se eu tivesse saído do nada, como se eu fosse de um pequeno escritório em um lugar qualquer, que estivesse por minha conta todos esses anos, totalmente obscuro, e que subitamente tivesse ficado famoso. Mas isso não é verdade - sou economista há 20 anos!"

Ressentido, ele enumera detalhes de sua carreira. E ela é incomum. Nascido em Istambul em 1959, de pais judeus iranianos, ele passou seus primeiros anos no Irã, mudando-se depois para a Itália, onde estudou e fez a universidade. Posteriormente, ele mudou-se para os Estados Unidos e para Harvard, onde fez PhD em economia. Em seguida, deu aulas em Yale e

em Nova York. Roubini, que fala italiano, hebraico e farsi, diz que finalmente sentiu que havia chegado aos EUA "há cerca de 15 anos, quando comecei a sonhar em inglês". Durante esse período, ele teve passagens pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), Federal Reserve (Fed), Banco Mundial (Bird), o Conselho de Assessores Econômicos da Casa Branca e o Departamento do Tesouro, antes de estabelecer sua própria consultoria.

Difícilmente o currículo de um João-Ninguém, é verdade. Mas Roubini ainda estava longe de ser uma pessoa que todos conhecem quando, no outono do hemisfério norte de 2006, com a economia mundial e os mercados de crédito em efervescência, ele fez uma grande declaração ao FMI, alertando que "os Estados Unidos provavelmente enfrentarão uma explosão imobiliária sem precedentes, um choque do petróleo, uma grande queda na confiança do consumidor e finalmente uma recessão profunda", juntamente com "donos de residências não conseguirão pagar suas hipotecas, trilhões de dólares em títulos lastreados em hipotecas serão descobertos pelo mundo e o sistema financeiro global será paralisado". Foi uma previsão corajosa; tanto que muitos planejadores econômicos e economistas pensaram que Roubini estava meio louco.

De fato, quando Roubini participou do Fórum Econômico Mundial em Davos, em janeiro de 2007, para fazer profecias parecidas, seus alertas foram amplamente ignorados. Foi nesse resort dos Alpes suíços que eu o conheci e me lembro muito bem. Nos meses anteriores, eu também havia começado a escrever sobre os perigos dos instrumentos financeiros complexos (embora de maneira bem menos eloquente e dramática que Roubini), e esses artigos receberam críticas de algumas das celebridades reunidas em Davos, que me acusaram de ser "alarmista".

Embora não nos conhecêssemos antes - e mal tenhamos nos falado depois-, Roubini defendeu energicamente meus artigos em um almoço em um abafado hotel suíço. Digo a ele que sou grata por isso; era muito difícil encontrar Cassandras eloquentes na época.

"Lembro-me disso", ri Roubini. Ele então se lembra, irritado, de uma coluna escrita por Michael Lewis, autor do aclamado estudo sobre Wall Street "Liar ' s Poker" (1989), além do recentemente publicado "The Big Short" (2009), durante a reunião de Davos, que rotulou visionários como Roubini de "covardes" e "tolos". "É incrível como algumas pessoas mudaram seus pontos de vista", diz ele, acrescentando num tom amargo que agora "há muitos entendidos de última hora".

Por que o mundo bancário saiu de controle em 2007? Roubini escreveu, junto com Stephen Mihm, um professor de história da economia, um livro sobre o colapso bancário, "Crisis Economics", que tenta responder essa pergunta e sugere o que pode ser feito para resolver as coisas. À primeira vista, ele percorre um terreno parecido com o de todos os outros livros que tratam do tema e vêm sendo lançados por economistas. O que o diferencia, porém, é que, ao contrário de quase todos os outros economistas - cujas exceções são William White e Claudio Borio do Banco de Compensações Internacionais (BIS) -, Roubini pode afirmar que entendeu as coisas "antes" do desastre. Então, o que o levou a ter tanta certeza de que estava certo?, pergunto eu enquanto nosso modesto café da manhã chega e é depositado em uma mesa baixa perto do sofá de couro. O único vestígio de cor é um grande morango que enfeita meu power shake.

"Depois de passar dez anos estudando os mercados emergentes, sei que existem padrões que se repetem frequentemente", explica ele. "Uma bolha é como uma chama que precisa de oxigênio para continuar queimando (...) quando você vê, não há mais oxigênio, e as coisas mudam." Sendo mais específico, no terceiro trimestre de 2006 Roubini podia ver que o mercado imobiliário havia atingido seu pico. Isso o deixou convencido de que o sistema estava para se desfazer, uma vez que existia uma quantidade enorme de dívidas hipotecárias.

Ele continua emitindo alertas desde o crash. No começo de 2009, disse que a crise bancária podia não ter terminado. Ele também sugeriu que havia 20% de chances de uma recessão de duplo mergulho, porque o crescimento da economia americana seria muito fraco. Na verdade, a economia dos EUA vem se recuperando mais rapidamente que o esperado e os preços das ações de bancos também subiram. Tudo isso deixa alguns rivais exultantes, afirmando que

Roubini simplesmente teve sorte com a previsão de 2006. Mas ele revida e diz que ainda é muito cedo para concluir que a economia mundial está realmente no caminho da recuperação. E pelo menos uma previsão recente sua está correta: no último ano ele alertou várias vezes sobre os perigos que espreitam as dívidas soberanas. Em especial, ele acredita que o drama da Grécia reflete um problema maior que o mundo ocidental enfrenta, uma vez que os governos parecem não ter coragem para resolver o problema da disparada das dívidas soberanas.

"O que realmente me preocupa em relação aos EUA no momento, é essa paralisia política", diz ele, alegando que isso impede o governo de adotar as medidas duras necessárias. "O Reino Unido tem o mesmo problema. Não há uma disposição de fato de se reduzir os gastos e aumentar os impostos." Como resultado, "haverá a tentação de se continuar monetizando o déficit fiscal", o que no fim acabará produzindo inflação.

Para enfrentar esses riscos, Roubini quer que os planejadores econômicos cooperem além das linhas partidárias e deixem de lado as posições ideológicas de "esquerda" e "direita". "Cresci na Itália nas décadas de 1960 e 1970 e foi um período de muita turbulência social, quando até mesmo adolescentes se engajavam na política. Na época, eu estava mais para centro-esquerda", afirma ele, mexendo o açúcar de seu latte macchiato e fazendo redemoinhos elegantes de marrom e branco. Hoje, ele está mais para o "centro" nas questões econômicas, uma vez que acredita que os governos precisam gastar dinheiro numa crise para dar suporte ao sistema, em linha com os ideais econômicos Keynesianos - mas ele acredita que quando uma crise termina, eles precisam reverter as abordagens de livre-mercado, o que reflete a chamada "escola econômica austríaca". "Há essa grande discussão entre a escolha Keynesiana e a escola austríaca. Mas eu sou pragmático e eclético. Tudo diz respeito ao timing."

Então, onde ele sugere que as pessoas deveriam colocar seu dinheiro agora? O que ele faz? Ele me olha meio envergonhado. "Nunca comprei uma ação individual, bônus ou moeda na vida. Tenho meu próprio plano 401K [pensão e poupança] e um fundo passivo - investido 100% em títulos, metade americanos e metade não-americanos. Toda a renda extra que recebi nos últimos anos foi direcionada para títulos de curto prazo. Em algum momento partirei para ativos mais arriscados, mas não agora." Essa cautela parece típica do Doctor Doom, sugiro eu. Ele discorda. "O Dr. Doom é gracioso enquanto apelido e eu gostei dele por um tempo, mas o que estou dizendo agora é que sou o Dr. Realist [Doutor Realista]."

Em outras palavras, Roubini agora quer ser conhecido como um sábio que pode proferir conselhos construtivos, em vez de prever o desastre. De fato, no dia em que nos encontramos ele havia escrito uma coluna para o "Financial Times" exortando a Europa a deixar a Grécia reestruturar sua dívida. E ele tinha acabado de voltar de Washington, onde se encontrou com um grupo de importantes ministros das Finanças e banqueiros centrais de países desenvolvidos. "O importante para mim é que, quando escrevo algo, as pessoas prestam atenção. Eu passo o meu conhecimento para as pessoas, concordem elas ou não."

Enquanto vira o iogurte sobre a granola, vou direto ao ponto. Como essa elevada "sabedoria" econômica coexiste com sua condição de celebridade e frequentador de colunas sociais? "A celebridade se tornou um fardo", suspira. "Há mais demandas em nossa época. As pessoas acham glamuroso conhecer lugares. Mas não é -- mesmo que você viaje de classe executiva e se hospede em hotéis maravilhosos, você acaba 15 quilômetros longe de casa." Ele calcula que passa dois terços do ano em trânsito; não surpreende que a maior parte do novo livro tenha sido escrito em aviões.

Sugiro que alguns de seus rivais teriam problemas em ter tanta simpatia pelo "dilema" de precisar ficar em hotéis de luxo. Na verdade, muitos podem sentir uma pontinha de inveja, quando olham para o dinheiro, a fama e as festas (recentemente ele colocou em sua página no Facebook algumas fotografias de uma festa em que esteve no Caribe, promovida por Roman Abramovich). E todas as mulheres glamurosas que sempre acompanham o solteirão Roubini? "Sou um ser humano normal. Estou vivo! Por que as pessoas ficam surpresas com o fato de eu ser humano?", devolve Roubini. "Assim como muitos novaiorquinos, tenho uma vida

multifacetada. Coleciono obras de arte - adoro arte moderna, cinema. Na verdade, em breve estarei em Cannes porque estou com participações em dois filmes!"

Demonstro surpresa; os astros do cinema que vivem nessa área de Nova York podem considerar isso totalmente "normal". Mas a maioria dos acadêmicos não. Entretanto, Roubini explica que os dois filmes - o drama "Wall Street" e o documentário "Inside Job" - estão basicamente enfatizando a participação que ele teve na previsão do desastre do crédito.

De repente, lembro que também dei uma entrevista para a produção do documentário, falando sobre instrumentos de crédito complexos, e que aparentemente também vou aparecer nele. Nossa conversa e a localização começam a assumir o aspecto surreal; subitamente a grandiosidade badalada do Soho Grand não parece um lugar tão estranho para uma conversa sobre títulos lastreados em hipotecas. Três anos atrás, seria difícil imaginar que essas ferramentas complexas iriam despertar o interesse de Hollywood. Ou que um homem como Roubini seria saudado como um profeta, ou estaria se divertindo em Cannes. Mas agora que a mudança bizarra ocorreu no roteiro, ele está claramente determinado a aproveitar - independentemente do que os colegas acadêmicos vão pensar.

Peço a conta. Roubini esteve tão ocupado falando que mal comeu. Ele se levanta e atravessamos o lobby, cercados de concreto, vidro e aço. "Você também deveria ir a Cannes! Poderíamos nos passar por dois nerds!", diz ele, rindo diante de um pensamento tão estranho. Seu entusiasmo me contagia e também acabo rindo. Então, enquanto ele vai embora, me pego averiguando a agenda; será que eu não conseguiria uma brechinha para uma viagem a Cannes? Será que eu deveria? Crises de dívida soberana e obrigações garantidas de dívida nunca foram tão divertidas.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 10 maio 2010, Finanças, p. C8.